

LEITURA COMO FERRAMENTA DE AUTONOMIA E FORMAÇÃO PARA A INDEPENDÊNCIA PROFISSIONAL

READING AS A TOOL FOR AUTONOMY AND TRAINING FOR PROFESSIONAL INDEPENDENCE

Divanilce Cavalcante do Nascimento Xavier¹

Maria Aparecida Lourenço dos Santos²

Joana Costa³

Natanael Nunes Viçosi⁴

Rozineide Iraci Pereira da Silva⁵

RESUMO: A leitura é um dos instrumentos mais eficazes de emancipação intelectual e profissional. Por meio dela, o indivíduo desenvolve competências cognitivas, comunicativas e críticas que o capacitam a agir com autonomia e responsabilidade no mundo do trabalho. O presente artigo tem como objetivo analisar a leitura enquanto ferramenta formativa, capaz de contribuir para a independência profissional e o desenvolvimento da consciência crítica. A metodologia baseia-se em revisão bibliográfica fundamentada em autores como Paulo Freire, Isabel Solé, Ângela Kleiman e Ezequiel Theodoro da Silva. Conclui-se que a prática da leitura, quando desenvolvida de forma crítica e significativa, promove a autonomia, fortalece a identidade profissional e amplia as possibilidades de atuação ética e criativa na sociedade contemporânea.

9317

Palavras-chave: Leitura. Autonomia. Formação. Independência profissional. Educação.

ABSTRACT: Reading is one of the most effective tools for intellectual and professional emancipation. Through reading, individuals develop cognitive, communicative, and critical skills that enable them to act autonomously and responsibly in the world of work. This article aims to analyze reading as a formative tool capable of contributing to professional independence and the development of critical awareness. The methodology is based on a bibliographic review grounded in authors such as Paulo Freire, Isabel Solé, Ângela Kleiman, and Ezequiel Theodoro da Silva. It is concluded that the practice of reading, when developed critically and meaningfully, promotes autonomy, strengthens professional identity, and expands the possibilities for ethical and creative action in contemporary society.

Keywords: Reading. Autonomy. Education. Professional Independence. Critical Thinking.

¹Graduação: enfermagem e pedagogia, pós-graduação em Metodologia do ensino superior, mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School-CBS.

²Graduação em matemática, pós-graduação em metodologia do ensino superior.

³Graduação: Licenciatura em Letras, pós-graduação em Literaturas brasileiras.

⁴Formado em Letras e Literatura, especialização em: Didática e metodologia do Ensino Superior.

⁵ PhD. Doutora em Ciências da Educação, professora orientadora da Christian Business School-CBS.

I. INTRODUÇÃO

Ler é uma das práticas humanas mais significativas porque envolve, simultaneamente, cognição, sensibilidade e diálogo com a cultura. A leitura constitui um gesto interpretativo que ultrapassa a simples compreensão de palavras impressas: ela revela modos de sentir, pensar e agir no mundo. Ao refletir sobre esse processo, Freire (1996, p. 11) afirma que “*a leitura do mundo precede a leitura da palavra*”, destacando que, antes mesmo de acessar o texto escrito, o sujeito aprende a decifrar símbolos, gestos e relações que compõem sua existência. Desse modo, a leitura nasce como prática existencial e torna-se instrumento de emancipação quando integrada à reflexão crítica.

A formação humana, em suas múltiplas dimensões, encontra na leitura um eixo estruturador. É pela leitura que o indivíduo entra em contato com diferentes tradições culturais, discursos, narrativas e formas de conhecimento. Tal contato amplia sua percepção sobre si mesmo e sobre o outro, contribuindo para a construção da identidade e para o exercício da cidadania. Como lembra Chartier (1999, p. 23), “*ler é apropriar-se do texto, interpretá-lo e transformá-lo*”, o que evidencia a dimensão ativa e criadora do leitor. Cada leitura é, portanto, uma reconstrução singular do mundo.

No âmbito da formação profissional, esse processo assume relevância ainda maior. A sociedade contemporânea, marcada por ritmos acelerados, múltiplas linguagens e exigências complexas, requer sujeitos capazes de aprender continuamente. Profissionais de diferentes áreas precisam interpretar informações, analisar situações, tomar decisões fundamentadas e adaptar-se a contextos em transformação. A leitura, nesse cenário, consolida-se como instrumento de autonomia, pois possibilita ao sujeito desenvolver senso crítico, discernimento e habilidade para resolver problemas com responsabilidade e criatividade.

Além de contribuir para o domínio técnico, a leitura também atua como força humanizadora. Textos literários, filosóficos, sociológicos e pedagógicos oferecem oportunidades de adentrar universos simbólicos, refletir sobre valores, compreender conflitos humanos e exercitar a empatia. Nussbaum (2010, p. 47) afirma que “*a imaginação narrativa é essencial para compreender vidas diferentes da nossa*”, destacando que a capacidade de se colocar no lugar do outro nasce, muitas vezes, da convivência com diferentes discursos e narrativas. Para profissionais que lidam com pessoas, comunidades e realidades sociais diversas, essa dimensão humanizadora é indispensável.

Do ponto de vista interdisciplinar, a leitura articula saberes diversos e permite compreender a complexidade do mundo contemporâneo. A educação, a filosofia, a sociologia, a psicologia e até mesmo as ciências aplicadas convergem ao reconhecer a leitura como prática formativa que envolve linguagem, subjetividade, cultura e ação. Morin (2000, p. 14) lembra que “o conhecimento exige a articulação do todo e das partes”, e a leitura, ao integrar diferentes perspectivas, favorece exatamente esse movimento de síntese e aprofundamento.

Diante disso, refletir sobre a leitura como prática de autonomia, consciência crítica e independência profissional torna-se tarefa urgente. Em um mundo saturado de informações rápidas e superficiais, é a leitura cuidadosa e reflexiva que permite ao sujeito compreender a complexidade das situações, identificar nuances, interpretar discursos e agir de forma ética. Assim, este artigo discute, em perspectiva interdisciplinar, o papel da leitura na formação de sujeitos críticos, sensíveis e preparados para os desafios contemporâneos — não apenas no âmbito profissional, mas na vida social e humana como um todo.

2. A Leitura como Prática de Autonomia e Consciência Crítica

A autonomia intelectual não se constrói de modo espontâneo: é resultado de um processo contínuo de reflexão e de leitura crítica da realidade. Freire (2002, p. 32) ressalta que “a leitura crítica do mundo é o primeiro passo para a transformação social”, pois ela permite ao indivíduo perceber-se como sujeito histórico, responsável por suas escolhas e por suas ações. Assim, ler é um ato político, no sentido de que possibilita a formação de cidadãos conscientes e participativos.

Kleiman (2008, p. 57) enfatiza que “o leitor competente é aquele que vai além da superfície textual, estabelecendo relações, inferências e interpretações que constroem novos significados”. Essa competência leitora, quando estimulada desde a formação básica, reflete-se na vida profissional, tornando o sujeito capaz de tomar decisões fundamentadas e agir com autonomia diante dos desafios de sua prática.

2.1. Leitura do Mundo como Fundamento da Autonomia Intelectual

A construção da autonomia intelectual não é um evento pontual, mas um processo contínuo que se fundamenta na capacidade de interpretar criticamente o mundo. Antes de lidar com textos escritos, o sujeito aprende a ler gestos, situações, relações sociais, práticas culturais e mensagens simbólicas que atravessam seu cotidiano. É esse repertório inicial que dá sentido à

leitura formal e alimenta a capacidade de compreender o que está para além das palavras. Freire (2002, p. 32) enfatiza essa dimensão ao afirmar que “*a leitura crítica do mundo é o primeiro passo para a transformação social*”, indicando que o ato de ler nasce da consciência que o indivíduo desenvolve acerca da realidade e de seu lugar nela.

Quando o sujeito aprende a “ler o mundo”, aprende também a identificar contradições, reconhecer injustiças, perceber as relações de poder e compreender os contextos que moldam sua experiência. Esse movimento de análise e interpretação fortalece sua capacidade de agir conscientemente e de fazer escolhas fundamentadas. Nesse sentido, a leitura do mundo antecede e sustenta a leitura da palavra, pois oferece o quadro de referência necessário para que o leitor estabeleça conexões, questione discursos e desenvolva interpretações próprias.

A autonomia intelectual, portanto, se constrói na medida em que o indivíduo percebe-se como sujeito histórico. Ao tomar consciência de que suas ações, pensamentos e posicionamentos não são neutros, mas resultam de vivências sociais, culturais e políticas, ele passa a assumir responsabilidade por suas escolhas. Para Giroux (1997, p. 28), “*a educação crítica permite ao sujeito compreender-se como agente capaz de intervir no mundo*”, o que reforça a ideia de que ler o mundo é um elemento necessário à emancipação.

Além disso, a leitura do mundo articula diferentes campos do conhecimento — sociologia, filosofia, psicologia, educação — mostrando-se uma prática essencialmente interdisciplinar. A interpretação da realidade envolve dimensões cognitivas, afetivas e sociais, exigindo do sujeito sensibilidade para compreender nuances e complexidades. Morin (2000, p. 14) lembra que “*a compreensão humana requer o reconhecimento da complexidade do real*”, justamente o tipo de competência que se desenvolve quando o leitor aprende a observar, analisar e refletir sobre o mundo à sua volta.

Assim, ao reconhecer-se como parte integrante da realidade e não apenas como espectador, o leitor fortalece sua autonomia intelectual. Essa autonomia não se reduz a pensar sozinho, mas significa pensar com criticidade, dialogar com diferentes perspectivas e agir de modo ético e consciente. Leitura do mundo e leitura da palavra, nesse sentido, complementam-se: a primeira desperta a consciência; a segunda amplifica e aprofunda essa compreensão, consolidando a formação de um sujeito capaz de interpretar e transformar a realidade em que vive.

2.2. Inferência, Relação e Análise como Caminhos para a Consciência Crítica

A leitura crítica não se limita à compreensão literal das palavras, mas envolve a capacidade de estabelecer conexões, perceber implícitos e construir interpretações próprias a partir do diálogo entre texto, contexto e experiência do leitor. Ler criticamente significa perceber nuances, identificar intencionalidades e situar o texto dentro de um cenário social, cultural e histórico mais amplo. É por meio desse movimento interpretativo que o leitor se torna capaz de transformar a informação em conhecimento e, posteriormente, em ação consciente.

Nesse processo, a inferência desempenha papel central. Inferir consiste em preencher lacunas, associar elementos dispersos e construir significados que não estão totalmente explicitados no texto. Kleiman (2008, p. 57) destaca que “*o leitor competente é aquele que vai além da superfície textual, estabelecendo relações que constroem novos significados*”, reforçando que a construção do sentido depende da habilidade de articular o que se lê com o que se sabe. Assim, a leitura crítica envolve tanto o conteúdo apresentado pelo autor quanto os conhecimentos prévios, valores e vivências do próprio leitor.

A consciência crítica nasce exatamente desse encontro entre texto e mundo vivido. Quando o leitor aprende a relacionar informações, a identificar contradições e a questionar discursos, ele amplia sua capacidade de compreender a complexidade das situações que o cercam. Para Silva (1993, p. 29), “*ler é um ato de produção e não de simples reprodução*”, o que significa que o leitor crítico não aceita passivamente a mensagem; ele a interpreta, confronta, problematiza e reinscreve no seu próprio horizonte de sentidos.

Do ponto de vista interdisciplinar, a leitura que integra inferência, relação e análise mobiliza saberes da linguística, da psicologia cognitiva, da sociologia e da filosofia. Trata-se de um exercício que exige não apenas habilidades linguísticas, mas também sensibilidade ética, atenção ao contexto e capacidade de construir argumentos. Morin (2000, p. 32) aponta que “*o conhecimento só é pleno quando reconhece a complexidade*”, e a leitura crítica opera justamente nesse espaço de complexidade, permitindo que o leitor perceba que todo texto traz consigo tensões, escolhas discursivas e interpretações possíveis.

Dessa forma, desenvolver a consciência crítica por meio da leitura representa um passo fundamental na formação de indivíduos autônomos. Ao interpretar de forma ativa, o leitor aprende a discernir informações, a avaliar fontes, a reconhecer manipulações e a posicionar-se diante dos desafios sociais, profissionais e humanos que enfrenta. Assim, a leitura deixa de ser

um ato isolado e transforma-se em prática reflexiva que sustenta a autonomia intelectual e promove participação cidadã.

2.3. A Construção da Autonomia pela Prática Leitora Contínua

A autonomia intelectual é resultado de um processo permanente de formação, que se constrói na medida em que o leitor se expõe continuamente a diferentes textos, discursos e perspectivas. Não se trata de uma habilidade que surge de forma espontânea, mas de uma conquista gradual, fruto da prática constante de leitura e da reflexão crítica sobre o que se lê. Silva (1993, p. 18) destaca que *“a leitura é um processo ativo de construção, no qual o leitor elabora e reelabora sentidos”*, indicando que cada encontro com o texto é também um encontro consigo mesmo, com suas experiências, valores e modos de compreender o mundo.

Esse movimento contínuo de reelaboração é fundamental para o desenvolvimento da autonomia. À medida que o leitor interpreta, confronta ideias e relaciona informações, ele aprende a formular pensamentos próprios, a sustentar argumentos e a tomar decisões com maior segurança. A prática leitora contínua amplia o repertório cultural, fortalece a capacidade de análise e estimula a atitude investigativa, elementos indispensáveis para que o sujeito se posicione diante das situações que enfrenta em sua vida social e profissional.

9322

A constância da leitura também favorece a habilidade de lidar com a diversidade de vozes e discursos presentes na sociedade. Chartier (1999, p. 25) afirma que *“ler é construir uma trajetória singular a partir de múltiplas vozes que nos atravessam”*, reforçando a ideia de que o leitor não é passivo, mas agente na produção de sentidos. Essa convivência com diferentes perspectivas promove a abertura ao diálogo, a tolerância e a compreensão da complexidade humana, características fundamentais para uma autonomia que não se confunde com isolamento, mas que se realiza na relação com o outro.

De modo interdisciplinar, a prática leitora contínua articula dimensões cognitivas, éticas e sociais. A psicologia cognitiva evidencia que a leitura frequente aprimora a memória, a atenção e a capacidade de inferência; a sociologia aponta que o leitor crítico reconhece estruturas sociais e exerce cidadania de forma mais consciente; a filosofia destaca que a reflexão alimentada pela leitura contribui para a formação de um pensamento ético e responsável. Morin (2000, p. 27) ressalta que *“o conhecimento se renova continuamente, exigindo um sujeito capaz de reorganizar seu entendimento a cada nova informação”*, o que reafirma a importância da leitura como base para autonomia intelectual.

Assim, a prática leitora contínua não apenas amplia o conhecimento, mas também consolida a autonomia como postura diante da vida. O leitor habituado à reflexão se torna mais apto a analisar situações, tomar decisões fundamentadas, enfrentar desafios e atuar de forma crítica no ambiente profissional e social. A leitura, nesse sentido, deixa de ser apenas uma habilidade escolar para se tornar uma prática vital: um meio de interpretar a realidade e de agir sobre ela com consciência, responsabilidade e liberdade.

3. Leitura e Formação para a Independência Profissional

A independência profissional nasce do domínio do saber e da capacidade de aplicá-lo em contextos diversos. Ler é o primeiro passo para essa conquista, pois amplia o repertório do sujeito e lhe confere segurança para agir de modo criativo e reflexivo. Para Antunes (2003, p. 64), “a leitura é o exercício mais completo de construção do pensamento, porque exige que o sujeito relacione, analise e produza significados.”

No mundo do trabalho contemporâneo, marcado por mudanças rápidas e exigências múltiplas, a leitura é uma ferramenta essencial para o aprendizado contínuo. O profissional leitor está mais apto a compreender novas linguagens, adaptar-se às transformações e desenvolver soluções inovadoras.

9323

3.1. Leitura como Base para o Desenvolvimento de Competências Profissionais

A independência profissional é resultado da capacidade de interpretar situações, relacionar conhecimentos e agir com segurança diante dos desafios da prática. Essa autonomia não surge de improviso: ela se constrói por meio de processos formativos que exigem reflexão contínua, curiosidade intelectual e disposição para aprender. Nesse percurso, a leitura assume papel estruturante, pois funciona como ponte entre o conhecimento teórico e a ação concreta. É pela leitura que o futuro profissional acessa conceitos fundamentais, compreende princípios, questiona modelos e amplia sua percepção crítica sobre a realidade.

Ler é um exercício que exige esforço cognitivo — envolve comparar ideias, reconhecer argumentos, identificar relações e estabelecer interpretações próprias. Antunes (2003, p. 64) reforça esse ponto ao afirmar que “a leitura é o exercício mais completo de construção do pensamento, porque exige que o sujeito relacione, analise e produza significados”. Ou seja, a leitura não apenas transmite informações: ela ativa processos mentais complexos que permitem ao leitor elaborar compreensões mais profundas e transferi-las para situações reais.

No ambiente profissional, essas competências são fundamentais. Ler com criticidade possibilita interpretar documentos técnicos, legislações, relatórios, artigos científicos e orientações que orientam o exercício da profissão. A análise cuidadosa desses materiais favorece a tomada de decisões fundamentadas, reduz erros e aumenta a capacidade de intervir de forma ética e responsável. Como aponta Nóvoa (2009, p. 38), “*o profissional reflexivo precisa saber articular saberes práticos e saberes teóricos para responder às exigências do cotidiano*”, e essa articulação nasce, em grande parte, da prática leitora.

Além disso, a leitura forma um repertório simbólico e conceitual que sustenta a criatividade e a inovação. Ao entrar em contato com diferentes perspectivas, teorias e experiências, o leitor amplia sua visão de mundo e se torna mais apto a propor soluções originais para problemas complexos. Nesse sentido, a leitura contribui para o desenvolvimento de competências como pensamento crítico, comunicação, resolução de problemas e aprendizagem contínua — habilidades amplamente reconhecidas como essenciais no cenário profissional contemporâneo.

A linha interdisciplinar reforça que ler não é apenas uma prática linguística, mas um ato cognitivo, social e cultural. A psicologia cognitiva mostra que a leitura estimula processos de memória, atenção e inferência; a sociologia evidencia que práticas leitoras influenciam trajetórias profissionais e formas de participação social; a filosofia destaca que compreender textos é essencial para refletir sobre valores e agir com ética. Assim, a leitura integra dimensões diversas que, juntas, fortalecem a autonomia e a identidade profissional.

9324

Dessa forma, a leitura se apresenta como uma base sólida para o desenvolvimento de competências que ultrapassam a técnica e alcançam o campo da ética, da reflexão e da humanização. Um profissional que lê com profundidade torna-se mais capaz de compreender o mundo do trabalho em sua complexidade, adaptando-se às transformações, dialogando com diferentes saberes e atuando com independência, segurança e criticidade.

3.2. Leitura e Aprendizagem Contínua no Mundo do Trabalho Atual

O mundo do trabalho contemporâneo é marcado por mudanças rápidas, tecnologias emergentes, novas competências exigidas e um volume crescente de informações. Nesse cenário, já não é possível pensar a formação profissional como algo concluído ao término da graduação ou de um curso técnico. A competência essencial do trabalhador moderno é a capacidade de aprender continuamente, ajustando-se às transformações que moldam sua área de atuação. É nesse ponto que a leitura se destaca como ferramenta indispensável, pois fornece

ao profissional o suporte intelectual necessário para acompanhar e interpretar as inovações que surgem de maneira constante.

Ler, nesse contexto, deixa de ser apenas uma prática escolar para se tornar uma exigência da vida adulta e da profissionalização. A leitura crítica permite ao sujeito compreender mudanças de paradigmas, analisar documentos complexos, acompanhar legislações atualizadas, interpretar novos modelos de atuação e apropriar-se de conceitos recém-produzidos. Nóvoa (2009, p. 27) sintetiza essa ideia ao afirmar que *“a formação profissional não se encerra no diploma; ela se renova continuamente pela capacidade de aprender, desaprender e reaprender”*, indicando que o ciclo formativo é permanente e sustentado por práticas como a leitura.

Essa renovação constante exige abertura intelectual e disposição para rever práticas. A leitura desempenha papel central nesse processo porque amplia o repertório conceitual e estimula a reflexão sobre o próprio fazer profissional. Ao se confrontar com novas teorias, relatos de experiência, estudos de caso e análises críticas, o leitor desenvolve a capacidade de repensar métodos, identificar limitações e aprimorar sua atuação. Como afirma Sennett (2012, p. 39), *“o bom profissional é aquele que mantém viva a curiosidade e o desejo de aperfeiçoamento”*, e essa curiosidade é nutrida, em grande parte, pelo contato contínuo com textos que problematizam o cotidiano laboral.

9325

Além disso, aprender continuamente envolve também a capacidade de dialogar com linguagens diversas. A expansão das tecnologias digitais, por exemplo, introduziu novos códigos, formatos e meios de produção de conhecimento. A leitura de tutoriais, artigos científicos, plataformas técnicas, relatórios, pesquisas de mercado e manuais especializados tornou-se requisito para aqueles que desejam se atualizar. Santaella (2013, p. 41) destaca que *“o leitor contemporâneo precisa transitar entre múltiplos modos de leitura, combinando profundidade e rapidez conforme as demandas”*, o que reforça o papel estratégico da leitura na adaptação às novas demandas laborais.

Sob uma perspectiva interdisciplinar, a aprendizagem contínua mediada pela leitura envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também éticos e sociais. A leitura crítica permite que o profissional compreenda as implicações humanas, culturais e políticas de sua área, adotando uma postura mais reflexiva diante das mudanças. A compreensão de valores, direitos, deveres e impactos sociais da profissão também se constrói por meio de textos acadêmicos, normativos, literários e jornalísticos. Dessa forma, a leitura se consolida como chave de acesso tanto ao conhecimento técnico quanto à compreensão ampliada do papel social da profissão.

Assim, ao possibilitar que o indivíduo aprenda a aprender, a leitura fortalece a autonomia e torna-se uma das principais ferramentas para enfrentar a complexidade do mundo do trabalho atual. O profissional que lê de forma crítica e permanente é mais preparado para inovar, resolver problemas, tomar decisões fundamentadas e atuar com responsabilidade, tornando-se protagonista de sua própria trajetória formativa.

3.3. A Leitura como Potenciadora de Criatividade e Solução de Problemas

A criatividade, entendida como a capacidade de elaborar soluções originais e adequadas a diferentes situações, é uma competência fundamental no mundo profissional contemporâneo. Problemas complexos não se resolvem apenas com procedimentos técnicos, mas exigem abertura intelectual, flexibilidade cognitiva e capacidade de articulação entre saberes distintos. Nesse processo, a leitura assume papel decisivo, pois amplia o repertório cultural, simbólico e conceitual do leitor, oferecendo referências que alimentam a imaginação e favorecem o pensamento criativo.

Ao entrar em contato com textos de naturezas diversas — literários, filosóficos, científicos, técnicos ou jornalísticos — o leitor acessa múltiplas formas de interpretar a realidade. Essa diversidade enriquece o pensamento e permite ao profissional criar conexões inesperadas entre áreas diferentes, um aspecto fundamental para a inovação. Sennett (2012, p. 49) afirma que “*o trabalho de qualidade nasce da combinação entre técnica, reflexão e imaginação*”, demonstrando que a excelência profissional depende tanto do domínio técnico quanto da capacidade de pensar de modo inventivo. A leitura, ao articular essas dimensões, torna-se uma ferramenta indispensável na formação de profissionais reflexivos e criadores.

9326

A criatividade é fortalecida quando o sujeito desenvolve a habilidade de interpretar criticamente diferentes discursos, comparar ideias, estabelecer analogias e identificar padrões. Esse processo cognitivo é constantemente estimulado pela leitura, que desafia o leitor a construir sentidos, formular hipóteses e avaliar perspectivas. Para Csikszentmihalyi (1996, p. 27), “*a criatividade floresce quando informações diversas são reorganizadas de maneira inédita*”, o que reforça o papel da leitura como fonte inesgotável de elementos a serem combinados, transformados e ressignificados.

Do ponto de vista interdisciplinar, a leitura contribui para a solução de problemas ao fornecer ao sujeito não apenas informações, mas formas de pensar. A filosofia oferece fundamentos para questionar pressupostos; a sociologia permite compreender estruturas

sociais; a psicologia ajuda a interpretar comportamentos; a literatura desenvolve sensibilidade e empatia; a ciência e a tecnologia ampliam o olhar sobre métodos e possibilidades. Assim, cada área fornece ao leitor ferramentas distintas que se entrelaçam e permitem abordagens mais criativas e eficientes diante dos desafios da prática profissional.

Além disso, a leitura favorece a autonomia na resolução de problemas porque estimula o pensamento independente. O profissional que lê com regularidade desenvolve confiança intelectual, capacidade de argumentação e discernimento, elementos essenciais para tomar decisões fundamentadas em contextos incertos. Ele passa a perceber nuances, identificar alternativas e propor soluções que não se limitam a modelos prontos, mas que dialogam com a realidade concreta e com as demandas específicas de cada situação.

Portanto, a leitura se configura como uma prática que não apenas amplia o conhecimento, mas fortalece a criatividade e a capacidade de solucionar problemas de modo inovador, ético e consciente. Ao integrar técnica, reflexão e imaginação, o leitor-profissional torna-se mais preparado para enfrentar desafios complexos e atuar com independência, sensibilidade e responsabilidade no mundo do trabalho.

4.O Papel da Escola e do Educador na Formação de Leitores Autônomos

9327

A escola exerce uma função central na formação de leitores capazes de compreender, interpretar e transformar a realidade a partir do que leem. Mais do que ensinar técnicas de decodificação, a instituição educativa precisa criar condições para que a leitura se torne prática cultural, reflexiva e socialmente situada. Silva (2012, p. 41) enfatiza essa perspectiva ao afirmar que “a leitura precisa ser uma prática social e não um exercício mecânico de reprodução”, chamando atenção para a necessidade de experiências que ultrapassem a mera reprodução de sentidos e incentivem o pensamento crítico.

Dentro desse processo, o papel do educador é essencial. Ele atua como mediador entre o texto e o estudante, orientando-o na construção de significados, incentivando questionamentos e possibilitando o diálogo com diferentes vozes culturais. A mediação docente transforma a leitura em encontro, provocação e descoberta. Freire (1996, p. 77) lembra que “ensinar exige a construção de possibilidades”, e, no campo da leitura, essas possibilidades se materializam quando o professor cria ambientes nos quais o estudante se sente instigado a interpretar, relacionar e posicionar-se diante do que lê.

Assim, a formação de leitores autônomos não é tarefa isolada, mas um compromisso coletivo que envolve práticas pedagógicas intencionais, sensibilidade às necessidades dos estudantes e compreensão da leitura como direito e como ferramenta de emancipação. A escola, articulada ao trabalho ético e crítico do educador, torna-se espaço privilegiado para o desenvolvimento de leitores que não apenas compreendem textos, mas compreendem o mundo — e, por isso, tornam-se capazes de transformá-lo.

4.1. A Escola como Espaço de Construção da Leitura Crítica

A escola constitui um dos principais espaços de formação leitora, não apenas por apresentar o estudante aos diferentes gêneros textuais, mas por possibilitar que a leitura se torne prática cultural, social e intelectual. É nesse ambiente que o aluno aprende a interagir com textos variados, a dialogar com múltiplas perspectivas e a desenvolver a capacidade de interpretar o mundo por meio da palavra escrita. Para Silva (2012, p. 41), “*a leitura precisa ser uma prática social e não um exercício mecânico de reprodução*”, lembrando que a escola deve superar atividades fragmentadas e repetitivas, dando lugar a experiências que promovam reflexão e construção de sentido.

A leitura crítica, entendida como a capacidade de analisar discursos, perceber intenções, identificar argumentos e relacionar texto e contexto, não surge espontaneamente: ela é fruto de práticas pedagógicas intencionais e de um ambiente que estimule o pensamento questionador. A escola, ao assumir essa função, oferece ao estudante oportunidades para desenvolver autonomia interpretativa, aproximando-o de diferentes visões de mundo e favorecendo a conscientização sobre sua posição na sociedade. Como afirma Freire (1996, p. 29), “*a leitura do mundo precede a leitura da palavra*”, e cabe à escola ajudar o aluno a articular ambas, promovendo uma compreensão mais ampla e profunda da realidade.

Dessa forma, a instituição escolar precisa organizar tempos, espaços e metodologias que favoreçam uma leitura viva, dialógica e significativa. Projetos de leitura, rodas de conversa, análise de textos multimodais, debates, estudos de caso e contato com diferentes manifestações culturais ampliam as possibilidades de construção de sentido. Tais práticas incentivam o estudante a articular suas experiências com o que lê, desenvolvendo consciência crítica e capacidade de posicionar-se diante das situações cotidianas. Chartier (1999, p. 27) destaca que “*ler é inscrever-se em uma comunidade de interpretações*”, apontando que a leitura se fortalece quando exercida coletivamente, em ambientes que valorizam o diálogo e a troca de saberes.

Ao construir um ambiente que favorece a leitura crítica, a escola também contribui para a democratização do conhecimento, pois oferece condições para que os estudantes acessem discursos diversos, compreendam suas implicações e desenvolvam habilidade de discernimento. Essa formação amplia a autonomia intelectual e prepara o sujeito para atuar com responsabilidade, criatividade e consciência em diferentes contextos sociais e profissionais. Assim, a escola reafirma seu papel como espaço privilegiado de construção da leitura crítica e da formação de leitores capazes de interpretar e transformar a realidade.

4.2. O Educador como Mediador da Experiência Leitora

O educador desempenha um papel decisivo na formação de leitores autônomos, pois é ele quem organiza, orienta e dá sentido às experiências de leitura que acontecem no ambiente escolar. A mediação docente não se limita à escolha de textos ou à explicação de conteúdos; ela envolve a criação de condições para que o estudante estabeleça um diálogo ativo com o texto, construindo interpretações próprias e desenvolvendo uma postura investigativa diante do que lê. Freire (1996, p. 77) reforça essa perspectiva ao afirmar que “*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção*”, destacando que a função do professor é provocar, instigar e despertar no estudante a vontade de compreender.

9329

Nesse processo, o educador atua como ponte entre o texto e o leitor, auxiliando o estudante a identificar sentidos explícitos, inferir significados implícitos e relacionar o conteúdo lido com sua realidade social e cultural. Essa mediação envolve práticas que estimulam a curiosidade, o questionamento e a construção coletiva do saber, permitindo que a leitura se torne experiência de descoberta e não mero exercício de memorização. Como observa Kleiman (2008, p. 63), “*a leitura se constrói na interação, e o professor é agente fundamental nessa construção*”, indicando que o papel docente é orientar o estudante na elaboração de estratégias de compreensão e na formação de uma postura crítica diante dos textos.

Além disso, o professor, ao selecionar materiais diversificados — literários, científicos, jornalísticos, digitais ou técnicos — amplia o repertório do estudante e o expõe a diferentes modos de expressão e interpretação. Essa diversidade é essencial para que o aluno desenvolva flexibilidade cognitiva, capacidade de análise e sensibilidade para perceber as nuances que compõem cada gênero textual. Chartier (1999, p. 31) lembra que “*o leitor se forma na multiplicidade de textos e práticas*”, o que reforça o valor do trabalho docente na oferta de experiências ricas e variadas de leitura.

A mediação do educador também se manifesta na postura que ele adota diante da leitura. Professores que leem, problematizam e refletem com seus alunos demonstram, por meio do exemplo, que a leitura é prática viva e significativa. Essa atitude inspira os estudantes e os motiva a incorporar a leitura ao seu cotidiano, fortalecendo sua autonomia intelectual. Além disso, ao incentivar a expressão de opiniões, o debate argumentativo e a troca entre os pares, o educador promove um ambiente em que o estudante se sente autorizado a pensar criticamente, condição fundamental para o desenvolvimento da autonomia leitora.

Assim, o educador é agente indispensável no processo de formação de leitores que interpretam, questionam e atribuem sentidos próprios aos textos. Sua ação pedagógica, pautada na mediação crítica e na criação de possibilidades, permite que os estudantes se desenvolvam como sujeitos que leem com profundidade, autonomia e consciência, aptos a compreender o mundo e a intervir nele de maneira ética e responsável.

4.3. Práticas Pedagógicas que Estimulam a Autonomia Leitora

A construção da autonomia leitora depende diretamente das práticas pedagógicas adotadas na escola. Para que o estudante se torne capaz de interpretar criticamente os textos e produzir sentidos próprios, é necessário que a leitura não seja apresentada como uma tarefa meramente escolar, mas como uma atividade de investigação, diálogo e descoberta. Koch e Elias (2012, p. 92) afirmam que “*a leitura crítica requer interação constante com o texto e com o contexto*”, evidenciando que a autonomia leitora nasce do movimento ativo do estudante diante do que lê, e não da repetição de modelos fixos ou respostas pré-determinadas.

9330

Nesse sentido, práticas como rodas de leitura, seminários, projetos interdisciplinares, leitura colaborativa e análise de múltiplos gêneros textuais ampliam as possibilidades de construção do sentido. A roda de leitura, por exemplo, permite que os estudantes compartilhem interpretações, confrontem opiniões e ampliem sua compreensão por meio da escuta do outro. Nesses espaços, a leitura se torna prática coletiva, marcada pelo diálogo e pela coautoria. Chartier (1999, p. 27) destaca que “*ler é inscrever-se em uma comunidade de interpretações*”, reforçando a importância de atividades que valorizem a troca e a circulação de sentidos.

Os projetos investigativos também contribuem significativamente para o desenvolvimento da autonomia leitora. Quando o estudante pesquisa sobre um tema, seleciona fontes, analisa informações e produz sínteses próprias, ele experimenta a leitura como parte essencial de um processo intelectual mais amplo. Esse tipo de atividade estimula a curiosidade,

a responsabilidade e a capacidade de argumentar com base em evidências, habilidades indispensáveis para leitores críticos.

Outro recurso importante é a leitura colaborativa, na qual os estudantes constroem interpretações em conjunto, discutem trechos, levantam hipóteses e questionam ideias presentes no texto. Essa prática ajuda a desenvolver estratégias cognitivas como antecipação, inferência, verificação e reformulação, que são fundamentais para a compreensão profunda. Para Solé (1998, p. 37), “a compreensão leitora se constrói na interação entre o leitor, o texto e as estratégias que ele mobiliza”, o que evidencia a importância de métodos que valorizem a participação ativa e consciente do estudante.

Além disso, trabalhar com diferentes gêneros — literários, jornalísticos, acadêmicos, técnicos, digitais e multimodais — amplia o repertório do estudante e desenvolve sua flexibilidade interpretativa. Cada gênero apresenta linguagem, estrutura e propósitos comunicativos específicos, exigindo que o leitor mobilize estratégias diversas para compreendê-los. Essa diversidade fortalece a autonomia leitora, pois prepara o estudante para lidar com os diferentes tipos de leitura exigidos na vida acadêmica, profissional e social.

Assim, práticas pedagógicas que promovem interação, diálogo, investigação e diversidade textual constituem caminho sólido para a formação de leitores autônomos. Ao participar ativamente da construção dos sentidos, o estudante desenvolve confiança intelectual, curiosidade crítica e capacidade de interpretar o mundo de forma mais sensível e responsável — atributos essenciais para quem busca compreender e transformar a realidade por meio da leitura.

9331

5. Leitura, Humanização e Praxis Profissional

A leitura desempenha um papel essencial no processo de humanização, pois coloca o sujeito diante da diversidade e da complexidade da experiência humana. Ao entrar em contato com diferentes narrativas, discursos e modos de compreender o mundo — seja por meio da literatura, da filosofia, das ciências sociais ou de textos técnicos — o leitor amplia sua sensibilidade e desenvolve a capacidade de compreender realidades distintas da sua. Nesse movimento, constrói-se uma percepção mais profunda das emoções, valores e conflitos que atravessam a vida humana. Como afirma Nussbaum (2010, p. 47), “a imaginação narrativa é fundamental para compreender vidas diferentes da nossa”, destacando que a leitura é via privilegiada para o exercício da empatia e do reconhecimento do outro.

Essa dimensão humanizadora da leitura está diretamente ligada ao desenvolvimento ético do profissional. Quanto mais o sujeito se aproxima da experiência humana mediada pelos textos, maior sua capacidade de discernimento, sensibilidade social e tomada de decisões responsáveis. Ao interpretar discursos complexos e refletir sobre suas implicações, o leitor aprende a considerar a pluralidade de perspectivas e a agir de forma mais equilibrada, justa e consciente em seu campo de atuação.

Para Freire (2002, p. 45), *“a leitura é um ato de amor, porque nos põe em comunhão com o outro”*. Esse encontro não é meramente afetivo, mas profundamente epistemológico e político, pois envolve reconhecer o outro como sujeito de saber, história e dignidade. Essa relação é o fundamento da práxis, entendida como a articulação entre reflexão e ação. A leitura, ao favorecer a reflexão crítica, prepara o profissional para agir de modo ético, dialogado e transformador, unindo o conhecimento técnico ao compromisso com a vida humana.

Assim, a leitura humanizada sustenta uma práxis profissional que não se limita à aplicação mecânica de técnicas, mas que se constrói na reflexão sobre o impacto das ações, na compreensão das realidades com as quais se trabalha e na responsabilidade social de cada decisão tomada. O profissional que lê criticamente é capaz de integrar teoria e prática, sensibilidade e competência, razão e humanidade — dimensões indispensáveis para enfrentar os desafios éticos e complexos do mundo contemporâneo.

9332

5.1. A Leitura como Instrumento de Sensibilidade e Empatia

A leitura é um dos caminhos mais potentes para o desenvolvimento da sensibilidade humana, pois permite ao leitor acessar universos simbólicos que revelam valores, emoções e modos de vida distintos dos seus. Ao se deparar com personagens, narrativas, argumentos e vozes diversas, o sujeito é convidado a experimentar simbolicamente a dor, a alegria, o conflito e a esperança presentes na vida dos outros. Essa vivência indireta amplia a capacidade de perceber a singularidade de cada pessoa e fortalece o reconhecimento da diversidade humana como elemento constitutivo da sociedade. Nussbaum (2010, p. 47) afirma que *“a imaginação narrativa é essencial para compreender a vida de pessoas diferentes de nós”*, apontando para o papel fundamental da leitura no desenvolvimento da empatia e da compreensão moral.

A leitura não humaniza apenas porque apresenta histórias, mas porque envolve um exercício ativo de interpretação e diálogo. Ao tentar compreender intenções, sentimentos e motivações presentes nos textos, o leitor exercita a habilidade de se colocar no lugar do outro,

considerando perspectivas que talvez jamais vivenciasse diretamente. Esse processo amplia o horizonte ético, pois estimula a reflexão sobre justiça, alteridade e responsabilidade social. Como destaca Larrosa (2002, p. 21), “*a leitura nos afeta e nos transforma, porque nos abre a experiências que não são nossas*”, revelando seu potencial formativo no âmbito das relações humanas.

Do ponto de vista profissional, a sensibilidade desenvolvida pela leitura torna-se competência essencial. Profissionais de todas as áreas lidam com pessoas, situações complexas, conflitos e decisões que impactam vidas. A capacidade de compreender o outro em sua singularidade permite intervenções mais éticas e cuidadosas, baseadas na escuta atenta e no respeito às diferenças. Essa habilidade não se ensina apenas por meio de normas técnicas, mas se cultiva pela vivência intelectual e emocional proporcionada pelo contato com narrativas e discursos diversos.

Além disso, a leitura contribui para a formação de um olhar mais atento às nuances do comportamento humano. Ao perceber sutilezas, ambiguidades e contradições presentes nos textos, o leitor aprende a reconhecer essas mesmas complexidades nas relações sociais e profissionais. Isso o capacita a agir com maior discernimento, reconhecendo contextos, evitando julgamentos precipitados e adotando atitudes mais empáticas e equilibradas.

9333

Assim, a leitura como instrumento de sensibilidade e empatia não é apenas atividade cultural, mas prática formadora que influencia diretamente a atuação profissional. Ela sustenta uma postura ética que se manifesta no cuidado com o outro, no reconhecimento das vulnerabilidades humanas e na capacidade de agir de maneira mais justa e consciente. Em um mundo marcado por tensões sociais, competitividade e rápidas transformações, essa competência torna-se indispensável para uma atuação profissional verdadeiramente humanizada.

5.2. A Praxis como União entre Reflexão, Leitura e Ação

A leitura, quando vivenciada de forma crítica e sensível, torna-se componente essencial da práxis, entendida como o movimento dialético que articula reflexão e ação consciente. Freire (2002, p. 45) afirma que “*a leitura é um ato de amor, porque nos põe em comunhão com o outro*”, ressaltando que ler não é apenas decodificar símbolos, mas reconhecer a humanidade presente no texto, dialogar com o pensamento alheio e permitir-se transformar por esse encontro. Essa

dimensão afetiva e intelectual da leitura constitui o fundamento da práxis, já que ela estimula o leitor a refletir sobre o mundo e, a partir disso, agir para transformá-lo.

A práxis envolve análise crítica, tomada de decisão e intervenção responsável, elementos que se desenvolvem a partir de uma leitura profunda e problematizadora. O profissional que lê criticamente não aceita passivamente o que está posto, mas questiona rotinas, desnaturaliza práticas e identifica contradições presentes em seu contexto de atuação. Como destaca Giroux (1997, p. 28), *“a crítica é condição para transformar o cotidiano em espaço de aprendizagem e resistência”*. A leitura, portanto, fornece o repertório teórico e o impulso reflexivo necessários para que a ação profissional não seja mecânica, mas consciente e fundamentada.

Além disso, ao analisar textos de diferentes áreas — pedagógicos, filosóficos, sociais, científicos ou literários — o profissional entra em contato com múltiplas interpretações da realidade, o que amplia sua capacidade de compreender os problemas que enfrenta. Essa multiplicidade de perspectivas enriquece o olhar e fortalece a habilidade de formular intervenções inovadoras. Morin (2000, p. 13) lembra que *“agir exige compreender a complexidade do real”*, reforçando que a leitura crítica é elemento indispensável para qualquer prática profissional que pretenda ser ética e transformadora.

A práxis sustentada pela leitura crítica também permite que o profissional desenvolva uma postura ética consistente. Ao refletir sobre as implicações sociais, políticas e humanas de suas ações, ele evita decisões precipitadas, descontextualizadas ou tecnicistas. A leitura o ajuda a perceber os sujeitos envolvidos, as relações de poder em jogo, as condições que moldam cada situação e as consequências possíveis de suas intervenções. Dessa forma, agir deixa de ser um gesto automático e passa a ser escolha consciente. 9334

Por fim, a leitura como base das práxis rompe com a visão fragmentada do conhecimento e da atuação profissional. Ao articular reflexão, emoção e ação, o leitor-profissional assume papel ativo na construção de soluções que dialogam com a realidade e promovem transformação social. Assim, a práxis torna-se exercício permanente de humanidade: pensar o mundo, sentir o mundo e agir sobre o mundo — sempre com responsabilidade ética e compromisso com o bem comum.

5.3. Leitura Crítica como Fundamento para Atuação Profissional Ética

A atuação profissional ética depende, em grande medida, da capacidade de interpretar criticamente as situações, compreender a complexidade dos contextos e avaliar as implicações

humanas de cada decisão. Para agir de forma responsável, o profissional precisa desenvolver um olhar sensível, atento às nuances e tensões que permeiam a realidade. A leitura crítica, nesse sentido, constitui instrumento privilegiado, pois amplia o repertório intelectual e ético do leitor, estimulando-o a perceber que cada situação envolve sujeitos, histórias, valores e conflitos. Morin (2000, p. 34) afirma que *“a compreensão do outro requer complexidade, pois envolve reconhecer incertezas, contradições e singularidades”*, evidenciando que a leitura crítica é fundamental para quem deseja atuar com sensibilidade e responsabilidade.

Ao confrontar textos produzidos em diferentes áreas — sejam eles filosóficos, sociológicos, pedagógicos, literários, científicos ou normativos — o leitor desenvolve a capacidade de reconhecer vozes diversas e de analisar discursos sob múltiplas perspectivas. Esse exercício amplia a competência para identificar relações de poder, injustiças, preconceitos e práticas excludentes presentes no cotidiano profissional. A leitura crítica, portanto, não apenas fornece informações, mas forma uma consciência ética capaz de orientar escolhas de maneira mais justa e equilibrada. Como afirma Ricoeur (1991, p. 88), *“a interpretação é sempre uma tomada de posição diante do sentido”*, o que demonstra que ler criticamente implica comprometer-se com valores e com a responsabilidade de agir bem.

Além disso, a leitura crítica permite ao profissional avaliar a confiabilidade das 9335
informações que utiliza em seu trabalho. Em um mundo marcado pela circulação rápida de dados e pela multiplicidade de fontes, distinguir argumentos sólidos de discursos manipuladores torna-se condição para uma atuação ética. O leitor crítico questiona, verifica, compara e contextualiza aquilo que lê, evitando reproduzir informações equivocadas ou tomar decisões baseadas em interpretações superficiais. Esse cuidado demonstra que ética e leitura estão profundamente entrelaçadas, já que ambas exigem discernimento, reflexão e responsabilidade.

A dimensão ética da leitura também se manifesta na capacidade de compreender o impacto social das ações profissionais. Ao se apropriar de textos que tratam de direitos, políticas públicas, desigualdades e relações humanas, o profissional desenvolve sensibilidade para reconhecer que suas escolhas afetam indivíduos, comunidades e instituições. Tal compreensão sustenta uma postura ética que integra conhecimento técnico e sensibilidade humana, permitindo decisões que considerem tanto a eficácia quanto a dignidade humana envolvida em cada situação.

Assim, a leitura crítica se consolida como fundamento indispensável para uma práxis profissional comprometida com valores de justiça, respeito e humanidade. Ela fortalece a

autonomia intelectual, amplia a consciência social e estimula o compromisso ético, permitindo que o profissional atue de maneira reflexiva, sensível e transformadora. Em um mundo cada vez mais complexo, a leitura crítica deixa de ser apenas habilidade intelectual e se torna uma exigência ética, norteador ações que reconhecem e valorizam a condição humana em toda a sua amplitude.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura, ao longo deste estudo, revelou-se como uma prática formativa que ultrapassa a mera decodificação de palavras e se configura como experiência existencial, ética e profissional. Ao ler, o sujeito se aproxima de diferentes modos de compreender o mundo, confronta-se com realidades diversas e desenvolve a capacidade de refletir criticamente sobre si, sobre o outro e sobre o contexto em que está inserido. É por meio desse encontro com múltiplas vozes e perspectivas que a leitura se afirma como um dos pilares da autonomia intelectual, da consciência crítica e da formação profissional.

Mais do que habilidade técnica, a leitura é uma atitude de vida. Ela exige abertura ao novo, sensibilidade para perceber nuances da condição humana e disposição para questionar certezas. Ler implica perguntar, confrontar, duvidar, reconstruir sentidos — movimentos indispensáveis para quem deseja atuar de maneira ética e criativa em uma sociedade complexa e em constante transformação. Nesse sentido, a leitura contribui não apenas para o aprimoramento cognitivo, mas para a construção de uma postura reflexiva, sensível e responsável diante dos desafios contemporâneos. 9336

A formação de leitores autônomos, críticos e humanizados é tarefa que envolve necessariamente a escola, o educador e as práticas pedagógicas que permeiam o cotidiano escolar. A instituição educativa, ao compreender a leitura como prática social e cultural, pode criar espaços de diálogo, compartilhamento e investigação que favoreçam o desenvolvimento da autonomia leitora. Da mesma forma, o educador, ao atuar como mediador, possibilita que a leitura se transforme em experiência significativa, capaz de provocar questionamentos e promover a construção de sentidos próprios.

A formação profissional também ganha profundidade quando articulada à leitura crítica. Profissionais que leem com regularidade desenvolvem repertório conceitual mais amplo, maior capacidade de análise, pensamento criativo e sensibilidade ética — elementos indispensáveis para intervir com responsabilidade no mundo do trabalho. A leitura, portanto, não se limita ao

campo acadêmico: ela constitui ferramenta de sobrevivência intelectual, de reinvenção constante e de qualificação humana.

Assim, conclui-se que investir na formação de leitores autônomos é investir na formação de sujeitos capazes de compreender a complexidade da vida social, de agir com consciência e de transformar a realidade de forma ética e criativa. A leitura permanece, portanto, como um dos caminhos mais fecundos para o desenvolvimento integral do ser humano, seja no âmbito pessoal, social ou profissional. Cultivar o hábito de ler, valorizar o diálogo que se estabelece entre texto e leitor e promover práticas escolares que incentivem a reflexão são passos fundamentais para a construção de uma sociedade mais crítica, sensível e comprometida com a dignidade humana.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: Encontro & Interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: Do Leitor ao Navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Creativity: Flow and the Psychology of Discovery and Invention*. New York: HarperCollins, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROUX, Henry. *Os Professores como Intelectuais: Rumo a uma Pedagogia Crítica da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KLEIMAN, Ângela. *Os Significados do Letramento: Uma Perspectiva sobre a Prática Social da Leitura e da Escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. *Ler e Compreender: Os Sentidos do Texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- NÓVOA, António. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 2009.
- NUSSBAUM, Martha. *Sem Fins Lucrativos: Por que a Democracia Precisa das Humanidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. *Do Texto à Ação: Ensaio de Hermenêutica II*. Lisboa: Edições 70, 1991.

SANTAELLA, Lúcia. *Leitura Ubíqua: Do Impresso ao Digital*. São Paulo: Paulus, 2013.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O Ato de Ler: Fundamentos Cognitivos e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Ler e Compreender: Os Sentidos do Texto*. Campinas: Autores Associados, 2012.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.